



AS PRÁTICAS DO PIBID - PORTUGUÊS E A EDUCAÇÃO

ANTIRRACISTA: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA O DEBATE DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO BÁSICO^o

Mikaelly de Souza Pereira¹

Ane Camila Vale Silva²

Luís Henrique Vitória Araújo³

Rafael Varão Souza Filho⁴

Daniella Froz Neta⁵

RESUMO

A Literatura Negro-brasileira tem sido um espaço fomentador de debates e registros de experiências, bem como instrumento de construção de saberes nos espaços escolares. Este artigo relaciona-se ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), e visa promover estudos sobre as práticas sociais de letramentos literários a partir de contos e crônicas de escritoras negras brasileiras contemporâneas para refletir acerca de vivências e a construção de ações antirracistas no ambiente escolar. O objetivo principal deste trabalho é apresentar um Relato de Experiência por meio do conto “O Tapete voador”, inserido na coletânea O Tapete voador (2016), da escritora negra Cristiane Sobral, desenvolvido na Escola Municipal Professor Jonathas Pontes Athias, localizada na cidade de Marabá, no estado do Pará. Nessa atividade, os licenciandos do curso de Letras-Português, da Unifesspa, aplicaram uma oficina literária com os alunos do 8º e 9º ano, baseada em quatro etapas metodológicas: sensibilização, antecipação, leitura e interpretação. As estratégias de antecipação ao tema, leitura compartilhada, interpretação, exposição de ideias dos participantes, diferentes possibilidades de narrar um diálogo entre um homem negro e uma mulher negra que ocupam lugares de fala e construções de identidades diferenciadas foram imprescindíveis para este momento. Como também os referenciais teóricos: Cavaleiro (2001), Souza (2011), Cuti (2010), Ribeiro (2019), Michelleti (2000) e Corsi (2015), que fundamentaram todo o processo de ensino e aprendizagem. Com essa primeira experiência, observamos que houve contribuição para o enriquecimento, ampliação e atualização do repertório de literaturas, referências de autores/as negros/as, necessárias à formação dos licenciandos em Letras- Português

Palavras-chave: Práticas Sociais, Letramentos Literários, Educação Antirracista, Formação Docente.

^o O artigo é resultado das atividades desenvolvidas ao longo do ano de 2025 do PIBID- Português da Unifesspa, com o financiamento da CAPES.

¹ Graduanda do Curso de Letras-Português da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará–Unifesspa. E-mail: mikaelly.souza@unifesspa.edu.br

² Graduanda pelo Curso de Letras-Português da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará–Unifesspa. E-mail: ane.vale@unifesspa.edu.br

³ Graduando do Curso de Letras-Português da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – Unifesspa. E-mail: luis.henrique@unifesspa.edu.br

⁴ Graduando do Curso de Letras - Português da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará–Unifesspa. E-mail: rafaelmandalon26@gmail.com

⁵ Professora de Língua Portuguesa da rede municipal de Marabá/PA. E-mail: daniellafroz@hotmail.





INTRODUÇÃO

O subprojeto denominado “*Práticas de leituras literárias de contos e crônicas de autoras e autores negros contemporâneos como estratégias de iniciação à docência*” busca, por meio da inserção de obras literárias de autores e autoras negras/os na educação básica marabaense, trabalhar práticas antirracistas nas escolas, buscando assim compor o que propõe a Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas de todo o Brasil. Tendo isso em vista, se faz necessária a presença da literatura negra em âmbitos escolares, objetivando criar um ambiente de ação social contra mazelas como o racismo estrutural, as violências de gênero, o machismo, a violência nas periferias e outras temáticas.

O presente artigo tem como objetivo principal apresentar um Relato de Experiência proporcionado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Municipal Professor Jonathas Pontes Athias, na cidade de Marabá-PA. Foi realizada uma oficina para as turmas de 8º e 9º ano, com o conto “O Tapete Voador” retirado da coletânea *O Tapete Voador* (2016) da autora Cristiane Sobral, visando apresentar a literatura negra em escolas de Ensino Básico por meio de contos e crônicas, incentivando os alunos ao pensamento crítico com relação a posições sociais e racismo estrutural, bem como promover uma reflexão em torno de literaturas não comumente apresentadas em sala de aula, possibilitando a identificação e conhecimento de práticas antirracistas por meio dessa literatura.

Para além disso, o artigo busca também, expor as impressões dos pibidianos responsáveis pela oficina ministrada sobre a relação universidade-educação básica, assim como, explorar a relação dos alunos da educação básica com a experiência apresentada e as estratégias didático-pedagógicas utilizadas durante a oficina, a qual foi possível promover reflexões em torno de como a sociedade perpetua preconceitos de cor/raça e gênero, levando os alunos a pensar de forma crítica e entender a importância de ações antirracistas na escola e na vida. A proposta metodológica baseia-se em Michelleti (2000) e Corsi (2015), partindo de quatro passos metodológicos.

Dessa forma, o artigo é organizado em 6 seções, sendo elas: a) Introdução; b) Racismo estrutural e práticas antirracistas na educação: Um percurso metodológico para a transformação escolar; c) Racismo estrutural e práticas antirracistas na educação: fundamentos teóricos para a transformação escolar; d) Racismo estrutural e práticas



antirracistas na educação: resultados e discussões para transformação escolar; e) Considerações finais; f) Referências.

RACISMO ESTRUTURAL E PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO: UM PERCURSO METODOLÓGICO PARA A TRANSFORMAÇÃO ESCOLAR

As práticas desenvolvidas no subprojeto intitulado “*Práticas de leituras literárias de contos e crônicas de autoras e autores negros contemporâneos como estratégias de iniciação à docência*” estão envolvidas no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Letras-Português da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). A atividade foi desenvolvida na Escola Municipal Professor Jonathas Pontes Athias, localizada na cidade de Marabá, no estado do Pará.

A aplicação da oficina foi feita pelos bolsistas pibidianos junto com a coordenadora do subprojeto e a professora supervisora das turmas do 8º e 9º ano do Ensino Básico. A oficina foi aplicada usando do material didático central o conto “O Tapete Voador” que faz parte da coletânea “O Tapete Voador” (2016), da autora Cristiane Sobral.

A proposta metodológica baseia-se em um processo que segue quatro passos metodológicos que são propostos por Michelleti (2000) e Corsi (2015): *sensibilização, antecipação, leitura e interpretação*.

A oficina partiu do primeiro passo, a *sensibilização*, essa etapa metodológica visa preparar o leitor para o texto, como ocorreu na oficina do conto “O Tapete Voador”, onde a sensibilização se deu por meio da apresentação de placas com várias personalidades negras (autores, artistas, jornalistas, cantores, jogadores de futebol) contextualizando na placa a história dessas pessoas com suas conquistas pessoais.

Na segunda parte foi o momento de *antecipação*, onde os alunos são motivados a falar sobre o que a narrativa trata, a partir da discussão conduzida oralmente, em roda de conversa, com perguntas sobre o título e o tapete. Essa etapa teve o propósito de ativar o conhecimento prévio dos alunos e favorecer uma leitura preditiva, como propõem Corsi (2015) e Michelleti (2000). Durante essa etapa, logo de início, também foi destacada uma breve apresentação sobre a autora Cristiane Sobral (1974-), contextualizando sua produção literária e sua importância no cenário da literatura negra contemporânea.

A terceira etapa, da *leitura*, os alunos receberam o início do conto e em seguida teve uma leitura compartilhada e mediada pelos bolsistas pibidianos. O conto foi distribuído sem o desfecho final, e os alunos acompanharam a leitura em voz alta feita pelos pibidianos, como





também ouviram e interagiram com perguntas sobre o conto, a fim de que houvesse uma interpretação colaborativa com os alunos.

Por fim, no quarto passo metodológico, a *interpretação*, os alunos foram convidados a escrever um final para o conto “O Tapete Voador”, visto que os discentes ainda não tinham recebido o final dele, após escreverem suas suposições, foi lido o desenlace do conto. Passo esse fundamentado na leitura crítica e ativa dos alunos, de acordo com Petit (2013) o leitor não consome passivamente o texto, mas se apropria dele, construindo sentidos a partir de suas próprias experiências, emoções e visões de mundo. Em síntese, a etapa de interpretação proporcionou um momento de troca e reflexão, no qual os alunos puderam comparar suas produções com o final original do conto.

RACISMO ESTRUTURAL E PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA A TRANSFORMAÇÃO ESCOLAR

O movimento negro brasileiro desempenhou um papel central na construção de uma nova consciência crítica e identitária. Impulsionados por uma longa tradição de resistência, intelectuais e artistas afro-brasileiros passaram a reivindicar o direito de narrar suas próprias experiências, de escrever a partir de si mesmos e de seus contextos. Esse deslocamento é decisivo: o negro, antes reduzido a objeto de pesquisa, transforma-se em sujeito produtor de conhecimento, reposicionando-se como protagonista da própria história.

Por meio dessa virada, surgem novas formas de expressão artística e teórica, entre elas a literatura negra e/ou afro-brasileira. Segundo a escritora e pensadora negra Miriam Alves, em sua obra *Brasilafro Autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea* (2010), “a literatura afro-brasileira, no campo acadêmico brasileiro, ainda é território de polêmicas conceituais” (p. 42). Essa observação ressalta que a literatura negra ou afro-brasileira ainda é alvo de debates e divergências entre autores e pesquisadores da temática.

A despeito disso, essa literatura se consolida como um campo de afirmação política e estética. Ela não apenas denuncia as estruturas de opressão, mas também propõe outros modos de existir, sentir e pensar o mundo. Ao romper com a lógica eurocêntrica que domina o cânone literário, inscreve, no espaço da arte, uma pluralidade de vozes que antes foram silenciadas.

Segundo Antonio Candido (2004), a literatura deve ser um direito de todos, pois pode gerar novas perspectivas sobre o que significa ser humano. Para Candido, nossa maneira de existir e de interagir com o mundo não é





uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isso significa que ela [a literatura] tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor, o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco (Candido, 2004, p. 175-176).

Nesse contexto, a literatura vai além de uma simples obra de ficção; ela nos leva a refletir e a questionar a realidade tal como é. A ficção é o instrumento por meio do qual se humaniza esse sujeito marginalizado, como assinalou Conceição Evaristo em uma entrevista: “O que a história não nos oferece, a literatura pode oferecer. Esse vazio histórico é preenchido pela ficção” (Evaristo, 2020, s/p). A literatura nos permite conhecer o mundo e criar narrativas.

Ao longo da história, enquanto a escola se configura como um instrumento de reprodução da ideologia dominante, intelectuais da literatura afro-brasileira e dos estudos raciais seguiram um caminho inverso: o da resistência e da reconstrução epistemológica. Esses pensadores e escritores, por meio de suas obras, pesquisas e ações políticas, rompem com o silenciamento imposto às vozes negras e indígenas, abrindo espaço para novas formas de compreender o conhecimento e suas relações com o poder.

Nesse sentido, as transformações sociais são inevitáveis, porém o ritmo com que alcançam a escola é mais lento. Cidinha da Silva (2001), em seu artigo *Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial*, evidencia o racismo como um fenômeno de constituição histórica, presente tanto nas práticas escolares quanto nos livros didáticos.

Denunciaram-se a sedimentação de papéis sociais subalternos e a reificação de estereótipos racistas, protagonizados pelas personagens negras. Apontou-se a medida em que essas práticas afetam crianças e adolescentes [...] destruindo a autoestima do primeiro grupo e cristalizando, no segundo, imagens negativas e inferiorizadas da pessoa negra, empobrecendo em ambos o relacionamento humano e limitando as possibilidades exploratórias da diversidade étnico-racial e cultural (Silva, 2001, p.66).

Cidinha apresenta o racismo não como uma patologia do indivíduo, mas como “prática social negativa, cruel, humanamente repreensível [...] que se expande historicamente a partir da hierarquização das diferenças” (Silva, 2001, p.76), convertendo-as em desigualdades e garantindo a reprodução dos privilégios brancos.

Além disso, a autora sustenta que “é preciso compreender que exclusão escolar é o início da exclusão social das crianças negras”, (Silva, 2001, p. 66). Relacionando os





insucessos e evasão escolar não apenas a deficiências do estudante, mas a falhas do sistema em reconhecer e responder à historicidade das desigualdades raciais. Cidinha propõe, também, que a formação antirracista deve estar baseada a “decodificar a construção da pessoa negra no imaginário brasileiro e as representações sociais a respeito dessa população” (Silva, 2001, p. 72).

Outro debate teórico importante que trouxemos para este artigo é o conceito de racismo estrutural, amplamente explorado por Djamila Ribeiro (2019), que enfatiza: “mesmo que uma pessoa pudesse se afirmar como não racista, o que é difícil, ou mesmo impossível, já que se trata de uma estrutura social enraizada” (Ribeiro, 2019, p. 4). A filósofa destaca, ainda, que a ação antirracista pressupõe o reconhecimento ativo dos privilégios brancos e a busca por rupturas nessas estruturas cotidianas.

Por fim, levar essas reflexões para a sala de aula é um gesto político. É reconhecer que a educação deve acolher as diferentes versões da história, permitindo que os estudantes acessem múltiplas perspectivas e compreendam que a verdade é sempre uma construção atravessada por relações de poder. Quando a escola abre espaço para a diversidade de vozes, ela não apenas combate ao racismo, a discriminação, os estereótipos, os preconceitos e o epistemicídio, mas também contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes e capazes de questionar as hierarquias raciais e cognitivas que estruturam a sociedade.

RACISMO ESTRUTURAL E PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO: RESULTADOS E DISCUSSÕES PARA TRANSFORMAÇÃO ESCOLAR

Esta seção é dedicada à apresentação e análise dos resultados empíricos, organizados por categorias analíticas, resultantes da implementação da oficina literária na EMEF Professor Jonathas Pontes Athias. O intuito é criar um diálogo entre as estratégias didático-pedagógicas utilizadas e os referenciais teóricos, apoiando as diretrizes da pesquisa acadêmica.

A inclusão da obra de Cristiane Sobral, autora negra contemporânea, através do subprojeto PIBID Letras-Português, desempenhou um papel crucial na ampliação e atualização do repertório literário dos estudantes em formação, ao mesmo tempo em que apresentou aos alunos do Ensino Básico literaturas não dominantes.

O subprojeto PIBID Letras-Português utilizou o conto "O Tapete Voador", de Cristiane Sobral, na oficina com alunos do 8º e 9º ano. A condução seguiu os quatro passos metodológicos: sensibilização, antecipação, leitura e interpretação.





A oficina iniciou-se com a etapa de Sensibilização, que visou preparar os leitores para o texto. A dinâmica consistiu na apresentação de placas com imagens de diversas personalidades negras. Ao questionar os alunos sobre o conhecimento prévio dessas figuras, observou-se que a maioria não reconhecia escritores, ativistas ou artistas fora do circuito midiático, enquanto as personalidades ligadas à cultura popular, como músicos e jogadores de futebol, eram facilmente identificadas. Este resultado preliminar destacou a urgência de expandir o repertório cultural dos estudantes para além da cultura de massa, introduzindo mulheres que participaram de lutas históricas nos campos político, filosófico e literário. O momento foi ilustrado nas Figuras 01 e 02 que permitiu a escuta ativa e a conexão com a representatividade, essencial para o letramento literário.

Figura 01: Momento de sensibilização



Fonte: Acervo particular do subprojeto, 2025.

Figura 02: Momento de leitura do conto “O Tapete Voador”



Fonte: Acervo particular do subprojeto, 2025.





Em seguida, na etapa de *Antecipação*, os pibidianos realizaram uma breve contextualização da autora, Cristiane Sobral, situando sua produção literária e sua importância no cenário da literatura negra contemporânea. Essa contextualização, logo após a dinâmica de personalidades negras construiu um conhecimento prévio para os alunos, conectando a luta histórica de intelectuais negros à produção literária contemporânea, pois como observa Pereira (2022): “o fazer literário [dos autores negros] é uma resposta histórica de um grupo específico que foi silenciado e apagado em diferentes segmentos da sociedade inclusive no campo da História da Literatura Brasileira” (Pereira, 2022, p. 03).

Na etapa de *Leitura*, os alunos receberam o conto "O Tapete Voador", sem o desfecho final. A narrativa apresenta Bárbara, uma funcionária negra de destaque que solicita um pedido de apoio ao Presidente da empresa (um homem negro) para começar uma pós-graduação. Os pibidianos conduziram a leitura, mediando o debate com os alunos, discutindo temas como racismo estrutural, representatividade e as metáforas presentes na obra até o ponto de interrupção.

Em seguida, na etapa de *Interpretação*, a turma foi dividida em grupos para a reescrita do final do conto. Essa atividade teve o objetivo de fazer com que os participantes percebessem as possibilidades de narrar um diálogo entre um homem negro e uma mulher negra que ocupam lugares de fala e identidades diferenciadas.

As produções dos alunos revelaram uma diversidade de expectativas centradas em dilemas emocionais, variando entre resoluções "felizes" e desfechos "pessimistas" ou negociados. A análise das recriações permitiu categorizar as projeções dos estudantes sobre as relações de trabalho e poder:

Quadro 01: Recriação 01 do final do conto “O Tapete Voador”

O presidente vai propor que ela abaixe de cargo na empresa, assim, ela irá conseguir focar na pós-graduação, e não vai ficar sem emprego. Ela vai conversar com ele, e aceitar mudar de cargo, desde que quando acabar a pós-graduação, ela volte para o seu cargo normal. A decisão dela no final vai ser pedir para não ir pra um cargo muito baixo.

(Autores: alunos participantes da oficina.)

Fonte: Acervo particular do subprojeto, 2025.

Quadro 02: Recriação 02 do final do conto “O Tapete Voador”

Ele a contratou para um cargo melhor pelo seu potencial e habilidade [habilidade], e pela consideração por ela ser negra e ter passado por muita coisa pra [para] poder entrar em um cargo como o dela, então ele a promoveu para um cargo melhor, e ela percebeu o seu valor independente



Fonte: Acervo particular do subprojeto, 2025.

Com base no Quadro 01, a produção ilustra uma projeção baseada na racionalização da frustração. No trecho "*Ela vai conversar com ele, e aceitar mudar de cargo, desde que quando acabar a pós-graduação, ela volte para o seu cargo normal*" mostra que a protagonista precisa negociar um sacrifício de carreira para conciliar demandas e evitar a demissão. Já o Quadro 02 projeta um final reparador e meritocrático, em que a identidade racial e a superação da protagonista são ativamente reconhecidas e premiadas pelo chefe. A menção à meritocracia e ao reconhecimento racial fica clara no seguinte fragmento do texto 02: "*pela consideração por ela ser negra e ter passado por muita coisa pra [para] poder entrar em um cargo como o dela*" (Autores: alunos participantes da oficina, 2025).

Desse modo, a maioria das produções seguiram premissas parecidas, havendo a ausência de finais que considerassem a possibilidade de o chefe da empresa, um homem negro, ser o agente da violência racial e profissional contra a funcionária, que também era negra.

Quadro 03: Recriação 03 do final do conto "O Tapete Voador"

Ela pensava por ele ser uma pessoa negra, seria mais tranquilo para ser contratada na empresa mais [mas], foi totalmente diferente pois ele ficou julgando a sua etnia [etnia], e ficou por vários [vários] minutos desmerecendo ela, e até que ele decidiu não contratá-la [contrata-la] pois para ele ela não era qualificada para a empresa.

(Autores: alunos participantes da oficina.)

Fonte: Acervo particular do subprojeto, 2025.

O Quadro 03 demonstra uma das únicas produções que se aproxima do desfecho real do conto, revelando a percepção da internalização do racismo. O grupo demonstra ter captado a ideia da violência racial, inferindo que a expectativa de Bárbara de um tratamento mais tranquilo devido à identidade racial do chefe, como nas passagens: "*Ela pensava por ele ser uma pessoa negra, seria mais tranquilo...*" foi frustrada, pois ele "*ficou julgando a sua etnia [etnia]*" e "*decidiu não contratá-la [contratá-la] pois para ele ela não era qualificada*".

Após o compartilhamento das recriações, foi lido o desfecho original. A surpresa e a indignação dos alunos, que estavam sentindo intimamente a história de Bárbara, foram imediatas, pois o desfecho original é marcado pelo racismo explícito do Presidente, que, sendo negro, impõe a Bárbara o "embranquecimento" como condição para seu sucesso. Este





momento de reflexão e comparação confirmou a premissa de Michèle Petit (2013, p. 27) de que o leitor não consome passivamente um texto, mas se apropria dele e o interpreta, mesclando suas fantasias, desejos e angústias com os do autor, sendo esse o trabalho psíquico de construção do leitor.

O debate subsequente, facilitado pelos pibidianos, foi crucial. Eles puderam explicar o motivo das falas do chefe da personagem Bárbara, abordando o racismo não como uma patologia individual, mas como uma prática social e estrutural, conforme Cidinha da Silva (2001). A discussão sobre o racismo perpetuado por uma autoridade negra, conforme a análise de Djamila Ribeiro (2019), trouxe à tona a complexidade das relações de poder e as manifestações do racismo em diversas esferas, individual, institucional e cultural.

Desse modo, a oficina não apenas motivou os alunos a desenvolverem um pensamento crítico em relação a posições sociais e racismo estrutural, mas também atendeu à proposta de Silva (2001), que defende uma formação antirracista sustentada na "decodificação das vozes, silêncios e práticas discriminatórias" (Silva, 2001, p. 73). Ao final, a oficina foi encerrada com uma dinâmica simbólica, na qual os alunos "voaram no tapete", compartilhando seus sonhos, desejos profissionais e esperanças para o futuro.

Em síntese, a vivência do PIBID reafirma que a literatura é uma ação política fundamental para a formação de indivíduos críticos e para o enfrentamento da discriminação e do epistemicídio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de pesquisa-ação, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em Letras – Português UNIFESSPA, reafirma a essencial prática antirracista e a incorporação da Literatura Afro-Brasileira na formação de estudantes da Educação Básica. Na oficina literária em torno do conto “O Tapete Voador”, de Cristiane Sobral, buscou-se ir além da mera leitura, transformando-a em um espaço de reflexão crítica e humana sobre o racismo estrutural e as complexas dinâmicas de poder.

O processo em quatro etapas — *sensibilização, antecipação, leitura e interpretação* — mostrou-se uma estratégia adequada, sendo a etapa da *Interpretação* o ponto culminante da experiência. As produções de finais alternativos pelos estudantes, antes de lerem o desfecho original, revelaram seu universo de expectativas e os filtros sociais pelos quais percebem a realidade. Observou-se que os alunos se concentraram em projeções emocionais, variando





entre finais felizes e tristes. Curiosamente, poucos sequer consideraram a possibilidade de que a violência racial pudesse ser praticada pelo chefe negro contra a personagem, Bárbara.

A indignação genuína dos estudantes ao descobrirem o final original do conto em que o chefe impõe o “embranquecimento” à protagonista foi um dos achados qualitativos mais marcantes. Essa reação intensa evidencia a necessidade de abordar as manifestações mais sutis do racismo, o qual constitui uma formação social profundamente enraizada. Diante dessa forte reação, a intervenção dos licenciandos do PIBID foi fundamental. Eles puderam compreender as relações de poder e o modo como o racismo opera em diferentes níveis, transformando a indignação em consciência crítica. Tal práxis antirracista exige o reconhecimento e a busca por rupturas nessas estruturas cotidianas.

Em síntese, a experiência comprova que a inserção sistemática de obras de autoria negra não apenas cumpre a Lei 10.639/03, mas, sobretudo, promove o desenvolvimento humano de cidadãos conscientes e responsáveis, capazes de questionar as hierarquias raciais. O projeto também confirma o enriquecimento e a atualização do repertório pedagógico dos licenciandos em Letras e dos alunos da rede pública.

Para o futuro, propomos investigar os impactos de longo prazo dessas intervenções na consciência racial e de gênero dos estudantes, reafirmando o vínculo entre universidade e educação básica, de modo a consolidar uma literatura antirracista e, assim, contribuir de forma mais efetiva para a transformação social.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. *BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira Contemporânea*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004, p. 174-176.
- CORSI, Margarida da Silva.; CANDIDO, Weslei Roberto. (Orgs). *A pesquisa em Literatura e leitura na formação docente: experiências da pesquisa acadêmica à prática profissional no ensino*. Volume 2. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2018.
- EVARISTO, Conceição. *Escrevivência*. Youtube, 11 de out. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY&t=605s>. Acesso em: 19 de out. 2025.
- PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Trad. de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.
- PEREIRA, Edimilson. Territórios cruzados: relações entre cânone literário e literatura negra e/ou afro-brasileira. *Literafro: o portal da literatura afro-brasileira*. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/1035-territorios-cruzados-relacoes-entre-canone-literario-e-literatura-negra-e-ou-afro-brasileira1>. Acesso em: 22 set de 2023.
- RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.





SILVA, Maria Aparecida da. Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: CAVALLEIRO, Eliane. *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 65-82.

SOBRAL, Cristiane. *O Tapete Voador*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

